

CAFÉ ICONHA

1232

Rubem Braga

CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM — Dentro desse onibus que atravessa o sul do Estado, ouço conversas. São historias sobre o café. Fala-se de alqueires e de sacas. Aquele sujeito magro, de brim caqui e botinas amarelas, que vai no outro banco, estava ruim de vida, mas no passado — me contam — ganhou mais de mil contos graças ao café. Enquanto outros Estados estão arreventados, o Espírito Santo tem superavit, por causa do café. E' o dinheiro do café que anima tudo. Desde 1911, Cachoeiro tem uma fabrica de cimento, que hoje produz apenas mil sacas diarias; pois agora vai ser montada uma outra, moderna, vinda da França, para fazer mais de onze mil sacas por dia; e a antiga será transformada na primeira fabrica de cimento branco do Brasil. Teremos tambem uma nova usina de açucar, mais economica que a de Paineiras: a partir de julho produzirá cinquenta mil sacas. A Cooperativa Central de Lactícinios está sendo aumentada, e projeta instalar uma pequena usina em cada municipio do Sul. O rebanho de gado melhorou em quantidade e qualidade; vai melhorar mais ainda depois deste ano, quando se instalará a Fazenda Modelo do Ministerio da Agricultura.

Por toda a parte vemos construções; abrem-se estradas. O governador já prometeu mesmo fazer uma estrada pavimentada de Vitoria a Cachoeiro e Guaçú. Sim, há mais dinheiro: a praia de Marataisos, onde essa gente vai durante o verão, está virando uma cidade: sua luz electrica vai ser melhorada e o serviço de agua, instalado pelo SESP, promete ser ottimo. Cachoeiro voltará a ter telefone urbano. Há dinheiro, e é principalmente o café que faz esse movimento e anima essa vida.

Entretanto, nosso onibus passa entre cafeeiros tão irracionalmente plantados como no meu tempo de criança: os mais velhos estão todos fazendo saibalão com os ramos baixos, os galhos de cima nus. Neste país de morros, a enxurrada desgasta rapidamente o solo: o terraçamento é um mito, a aduba-

ção outro — até agora não é possível sentir por aqui o minimo efeito de toda a longa pregação dos agronomos a esse respeito. Quando o café estava baixo, não valia a pena fazer isso, porque não havia dinheiro. Agora, o café dá tanto dinheiro de qualquer jeito, que não vale a pena tambem pensar nessas coisas.

*

Iconha. Como isso era longe, na minha infancia. Lembro-me de um menino que me espantou porque viera de uma fazenda "para lá do Frade, para alem do rio Novo, em Iconha, perto de Piuma"... Eu pensava em ir a Iconha tão vagamente como hoje penso em ir ao Tibete. E agora, depois de uma rapida voada em automovel, descubro que estou em Iconha. Não é muita coisa: quase apenas uma rua, uma casa bonita, dessas que se faziam no fim do seculo, solidas, sobrias e dignas, sem entretanto o ar comercial e horrendo dessas casas "modernistas" de platibandas retangulares, que hoje infestam Cachoeiro e todo o interior do Brasil.

Mas Iconha me encanta pelo seu milagre pastoril. A pracinha é dominada por um morro alto, muito verde, cortado diante de nós por um talude de terra vermelha. E lá em cima pastam dez ou doze bois brancos. Eles dominam assim o centro da cidade; no fim da rua, há outro morro alto povoado por outros bois brancos. Atrás deles, o céu muito azul, com algumas nuvens redondas. De repente, na curva do morro, contra o céu, passa de crinas ao vento um cavalo preto, de um preto intensamente luminoso nesta tarde já chovida, em que o sol veio despedirse. Pode ser um cavalo pequeno e magro: mas assim, no alto, entre esses sossegados bois brancos, é uma aparição de sonho.

Chegam homens da roça, os botequins de cachaça se animam. O sol se esconde. Iconha vai jantar.

Quando passamos de volta, ela está adormecida sob as estrelas, abençoada pelos seus bois brancos.

Trivial
JB 10.1.65 Jan. 65

Rev. Nac. Nº 12
Fev. 79

9.4.57

424